

Jornalismo e teorias da verdade

Orlando Tambosi*

Resumo

O artigo analisa as três principais teorias da verdade discutidas pela epistemologia contemporânea, com o objetivo de identificar qual delas melhor se aplica ao Jornalismo. Examinando a teoria da verdade como coerência, a teoria pragmática e a teoria da correspondência, conclui que esta última é a mais adequada, visto que o Jornalismo, tanto quanto a ciência, postula uma relação entre linguagem e realidade.

Palavras-chave: Jornalismo; verdade; epistemologia.

Resumen

El artículo analiza las tres principales teorías de la verdad discutidas en la epistemología contemporánea, con el objetivo de identificar cual de ellas mejor se aplica al periodismo. Examinando la teoría de la verdad como coherencia, la teoría pragmática y la teoría de la correspondencia, concluye que esta última es la más adecuada, visto que el periodismo, tanto cuanto la ciencia, postula una relación entre lenguaje y realidad.

Palabras-clave: periodismo; verdad; epistemología.

Abstract

This article analyzes the three main theories of the truth argued by the contemporary epistemology, in an attempt to identify which of them better suits journalism. Examining the theory of the truth as coherence, the pragmatic theory and the correspondence theory, it

* Professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), autor de *O declínio do marxismo e a herança hegeliana*, Florianópolis, Editora da UFSC, 1999. Desenvolve pesquisa sobre Epistemologia do Jornalismo. E-mail: otambosi@terra.com.br

concludes that this latter is better adjusted, since journalism as well as science claim to hold a relation between language and reality.

Keywords: journalism; truth; epistemology.

Não há conhecimento sem verdade, isto é, todo conhecimento é verdadeiro ou não é conhecimento. Assim, não podemos sustentar que temos conhecimento do falso (não há “fatos falsos”), embora possamos saber que uma afirmação é falsa ou mentirosa. Por exemplo, se alguém se depara com a afirmação de que “Luiz das Neves é o atual governador de Santa Catarina” e acredita nisto, não poderá afirmar que conhece. Isto significa que verdadeiras ou falsas são as nossas afirmações, sentenças, crenças, proposições etc. – não a realidade, o mundo objetivo –, e que afirmações ou proposições falsas não geram conhecimento¹.

Aqui já se percebe que a verdade não é questão pacífica. Há séculos a Filosofia se defronta com várias teorias, algumas delas não necessariamente próximas, mas tampouco excludentes ou antagônicas. O fato é que não existe uma teoria geral e completa da verdade. Sendo um dos mais controversos conceitos filosóficos, a verdade ora tem sido considerada absoluta, ora relativa, ora apenas um ideal a ser alcançado, ora um conceito simplesmente dispensável – quando não decretada a sua inexistência (“não há verdade”). Trata-se de uma questão relevante não só para a Filosofia, mas que se estende aos domínios da teoria do conhecimento, da lógica, da lingüística, das ciências e também do Jornalismo.

No Jornalismo, especificamente, observa-se a tendência de reduzir a verdade a imperativo ético, sem o esforço, por parte dos estudiosos, de enfrentar a questão epistemológica da verdade, relacionando-a com as teorias compartilhadas pela filosofia e pelas ciências. Transformada em princípio ético – tal como a referem os códigos deontológicos –, a verdade jornalística parece tornar-se, no fundo, apenas um ideal de honestidade ou credibilidade do repórter e de suas fontes, ou dos

¹ Sobre a relação entre jornalismo e conhecimento, tomo a liberdade de indicar meu artigo “Informação e conhecimento no jornalismo”, publicado na revista *Estudos em jornalismo e mídia*, Florianópolis, Insular, v. 2, n. 2, 2. sem. 2005, p. 31-38.

próprios *media*. Ora, se o Jornalismo não trata apenas de opiniões ou juízos de valor, mas procura relatar imparcialmente fatos ou acontecimentos, não poderá escapar a questionamentos epistemológicos formulados também na esfera filosófico-científica.

Para elucidar tais questões, o primeiro passo é analisar as principais teorias da verdade e identificar qual ou quais delas melhor se aplicam à atividade jornalística em geral. Identificada a teoria mais apropriada, será então o momento de apontar se, quanto ao problema da verdade, apresenta o Jornalismo algumas características específicas em relação às teorias correntes em outras áreas. E, caso a verdade jornalística seja algo absolutamente diferente, que se mostrem as cartas.

As teorias da verdade

Historicamente, três teorias da verdade assumiram importância na perspectiva da teoria do conhecimento: a) a da verdade como correspondência (ou conformidade, ou adequação); b) a teoria da verdade como coerência (ou não-contradição); e c) a teoria pragmática da verdade (ou utilidade).

A teoria correspondentista é a mais antiga, tendo sua origem na célebre formulação de Aristóteles na *Metafísica*: “dizer do que é que não é, ou do que não é, que é, é falso, enquanto dizer do que é, ou do que não é que não é, é verdadeiro”. Versões da teoria da correspondência foram defendidas por Wittgenstein, Russell, Austin, Searle, entre outros. Apesar das distinções, pressuposto básico dessa teoria é que a verdade de uma proposição² consiste em sua relação com o mundo, isto é, em sua correspondência com os fatos ou estados de coisas. Sendo *S* uma sentença qualquer (ou afirmação, crença, proposição etc.), eis a formulação básica:

S é verdadeira se e somente se corresponde a um fato.

De acordo com a teoria da correspondência, portanto, as afirmações procuram descrever como são as coisas no mundo, e tais afirma-

² Proposições, crenças, sentenças e afirmações podem todas ser verdadeiras ou falsas.

ções serão verdadeiras ou falsas em função de as coisas serem realmente como elas dizem que são. Contra essa teoria se levantam algumas objeções, notadamente em relação à noção de “fato” e de “correspondência”. Em poucas palavras, seu ponto fraco estaria em comparar planos heterogêneos, já que postula uma relação entre linguagem e realidade: de um lado, o lingüístico, de outro, o não-lingüístico.

A teoria coerentista, defendida por Bradley, Blanshard, Neurath, Rescher, Lehrer, entre outros, entende que a verdade consiste em relações de coerência num conjunto de crenças. Assim,

S é verdadeira se e somente se é coerente com um sistema de proposições ou crenças.

Diferentemente da teoria da correspondência, a teoria da coerência compara enunciados com enunciados, e não palavra e mundo, proposição e realidade. Ela tende a uma perspectiva relativista: conjuntos de crenças seriam, no limite, apenas relativos uns aos outros. Outro problema, como observa Vassallo (2003, p. 17), é que quem assume a coerência como único critério de verdade é forçado a considerar verdadeiros, do mesmo modo, uma fábula, um relato histórico ou as leis científicas, bastando que a fábula não contenha contradições e que as suas proposições sejam reciprocamente compatíveis. Além disso, dizer simplesmente que uma proposição é coerente com outra atesta a fragilidade dessa teoria. Podemos, por exemplo, considerar que a proposição “as pessoas de Sagitário são extrovertidas” é coerente com as proposições da astrologia, mas isto nada diz a respeito de sua verdade, já que não são verdadeiras as proposições astrológicas, nem tampouco a astrologia pode aspirar ao status de conhecimento.

Reconheça-se, por fim, que tanto os textos jornalísticos quanto as teorias científicas devem ser coerentes, mas ambos buscam necessariamente a relação com o real, o mundo, relação que o coerentismo dispensa.

A teoria pragmatista, por sua vez, define a verdade em termos de utilidade, isto é, em termos daquilo que é desejável ou tem conseqüências úteis para aquele que crê na proposição tida como verdadeira. Em síntese,

S é verdadeira se é útil aos nossos fins ou obtém sucesso.

Defendida por Peirce, James, Dewey e Haack³, a teoria pragmática situa a verdade em uma teoria da ação, assumindo que a crença verdadeira contribuirá para a utilidade e o êxito das ações. Dito de outra maneira, as crenças verdadeiras *funcionam*.

Haack (2002, p. 140-142) observa que a teoria pragmática da verdade combina elementos de coerência e de correspondência. Em Peirce, a verdade é tanto “o fim da investigação” quanto correspondência com a realidade e, ainda, “crença (estável) satisfatória”. Em James, é, além disso, “coerência com a experiência (verificabilidade)”, enquanto Dewey acrescenta a essas teses ainda uma outra: verdade é “o que autoriza a crença a ser denominada ‘conhecimento’”.

O problema, em relação à teoria pragmática, é que utilidade e sucesso são critérios dúbios. Adotado o critério do sucesso, seríamos compelidos a admitir que as proposições da doutrina nazista teriam sido verdadeiras caso o nazismo vencesse a II Guerra Mundial. Por outro lado, o pragmatismo poderia nos levar a reconhecer que a proposição “a Terra é o centro do universo” é verdadeira só porque, durante longo tempo, foi considerada útil (VASSALLO, 2003, p. 18).

Todavia, parece razoável pensar, como propõe Nozick (2003), que “nosso interesse originário em relação à verdade tenha um fundamento instrumental”. Para escapar aos perigos do mundo e colher as oportunidades que ele oferece, certamente as verdades foram mais úteis que a falsidades. “Aquilo que precisamos não é uma verdade perfeitamente completa, mas uma crença *verdadeira o quanto basta* para oferecer resultados (mais) desejáveis quando a seguimos numa ação”. Nesse sentido, argumenta o filósofo, “desejamos ter crenças verdadeiras e nos preocupamos com a verdade porque as crenças verdadeiras são úteis a uma vastíssima gama de objetivos. Sob esta

³ “Pragmatistas” recentes, porém, a exemplo de Richard Rorty, deixam de lado a questão da verdade - assim como a da objetividade -, em sua “pós-filosofia” reduzida a gênero de literatura ou crítica literária. A observação é da própria Haack, no capítulo “Pragmatismo” do *Compêndio de filosofia* organizado por N. Bunnin e E.P. Tsui-James, São Paulo, Loyola, 2002.

luz, o nosso interesse pela verdade seria – pelo menos na origem – instrumental”. E conclui Nozick (2003, p. 44-45): “em geral, é melhor agir com base na verdade do que apoiando-se em falsidades. Alcançamos com mais freqüência os nossos objetivos quando as crenças sobre as quais são fundados são verdadeiras”.

O fato é que essas três teorias tradicionais (a verdade consiste na correspondência entre proposição e realidade; a verdade é resultado da coerência entre proposições; a natureza da verdade é pragmática) não são antagônicas. Afinal, em todas elas, *verdadeiro* é aquilo que *satisfaz* alguma relação de adequação. Isto significa que a teoria da correspondência, apesar de todas as objeções contra ela levantadas, tem se revelado a mais resistente historicamente. Nos três casos, domina estruturalmente a primeira definição – isto é, a verdade como correspondência -, que pode muito bem “sobreviver *relativizada e atenuada*” tanto no interior de um sistema de perspectiva coerentista quanto no interior da verdade-utilidade. Pode ela configurar-se como correspondência “em relação a” certas regras do sistema, como *norma* ideal (jamais perfeitamente realizada), ou ainda como “verdade=utilidade”, “caracterizável em termos de *critério* de escolha entre diversas verdades-correspondência em antagonismo” (D’Agostini, 2000, p. 207).

Verdade e correspondência

À atividade jornalística é insuficiente a simples coerência entre proposições ou afirmações. Tampouco se pode avaliar uma notícia, que é o relato de um determinado fato ou acontecimento, pelo exclusivo critério de utilidade, ainda que a informação possa ser útil. O Jornalismo se situa no plano linguagem-mundo, discurso-realidade – ou seja, não é auto-referencial –, posição que compartilha epistemologicamente com as ciências. Se fosse um ramo da literatura, bastar-lhe-ia a coerência entre enunciados. À ficção basta a coerência, mas o Jornalismo não é ficção. Como seu imperativo ético é a verdade, que não pode ser um mero ideal, necessariamente ele terá que se defrontar com as teorias da verdade – e a da correspondência (dos relatos com os fatos) parece ser a mais adequada ao campo jornalístico, como veremos mais adiante.

Preliminarmente, enfrentemos as objeções à teoria da correspondência (TC). Justamente por relacionar dois planos heterogêneos (palavra-mundo), a TC tem sido criticada por não esclarecer suficientemente o que seja “fato” e “correspondência”⁴ no seu clássico formato *uma afirmação é verdadeira se e somente se corresponde aos fatos*.

Como diz Kirkham (2003), as diversas versões da teoria da correspondência são reunidas sob este lema, e isto “nos leva a pensar que há alguma relação nova, especial e antes desconhecida.” Daí alguns filósofos desqualificarem a TC como “misteriosa”. O problema é que se dá à palavra “correspondência” uma significação maior do que ela tem. “Correspondência”, prossegue Kirkham, “é uma palavra que funciona apenas como uma cômoda recapitulação de uma teoria na qual não aparece nenhuma daquelas relações especiais.” Trata-se de uma simples expressão idiomática, que é apropriada para descrever a verdade. No mesmo sentido vai D. W. Hamlyn⁵, citado pelo próprio Kirkham (2003, p. 195):

Se alguém quiser generalizar isso e dizer quais as condições necessárias e suficientes para que uma asserção seja julgada verdadeira, é difícil saber o que mais alguém poderia dizer além de que a asserção deve corresponder aos fatos. Mas o uso da palavra “corresponde” aqui não acarreta mais nada. Tudo o que se quer dizer é que, sempre que houver uma afirmação verdadeira, existirá um fato afirmado por ela e sempre que houver um fato haverá uma afirmação verdadeira possível que o afirme.

Ora, precisamos de um verbo para descrever a relação entre afirmações e fatos quando as afirmações forem verdadeiras. A palavra pode ser “corresponder”, ou “adequar-se”, ou “descrever”. Searle (1996, p. 238) corrobora o que dizem Hamlyn e Kirkham:

Assim como temos necessidade de um termo geral para todas as diferentes características do mundo que podem tornar verdadeiras as asserções, também temos necessidade de um termo geral para designar os modos em que

⁴ Cf., por exemplo, o verbete “Theories of truth”, redigido por P. Horwich, em J. Dancy e E. Sosa (Orgs.), *A Companion to Metaphysics*, Oxford, Blackwell, 1995, pp. 491-496.

⁵ D. W. Hamlyn, The correspondence theory of truth, *Philosophical Quarterly*, n. 12, p. 193-105, 1962.

as asserções verdadeiras podem representar acuradamente o modo em que as coisas são no mundo e a expressão “corresponde aos fatos” é somente uma caracterização geral desse tipo. “Corresponde aos fatos” é só uma abreviação para a variedade de modos em que as asserções podem representar corretamente o modo como as coisas são.

E aqui Searle esboça uma interpretação inovadora, usando em favor da TC uma teoria minimalista como a teoria da descitação, geralmente brandida contra as versões correspondentistas. Sigamos o raciocínio, que demonstra não serem elas conflitantes. Geralmente se afirma que:

*S é verdadeira se e somente se p,*⁵

Como no seguinte exemplo:

“A neve é branca” é verdadeira se e somente se a neve é branca.

Este critério geralmente é chamado de descitacional⁶ porque a frase entre aspas, à esquerda, ocorre à direita sem as aspas. Parece algo banal, diz Searle (1996), mas é importante notar que 1) a frase se torna verdadeira porque satisfaz uma condição que se encontra *fora dela*, e que 2) podemos especificar, num grande número de casos, as condições que tornam a frase verdadeira simplesmente repetindo-a.

Necessitamos de um nome para designar todas as condições que tornam verdadeiras as frases. A palavra “fato”, segundo Searle (1996, p. 226), “evoluiu como termo geral para designar os operadores de verdade, e ‘corresponde’ é somente um termo geral para designar todas as diversas maneiras em que as frases são verdadeiras em virtude dos fatos”. Ora,

o critério de verdade como descitação, juntamente com a compreensão apropriada das noções de “fato” e “correspondência”, implica a teoria da verdade como correspondência porque, se a frase entre aspas na parte esquerda (...) é realmente verdadeira, então esta deve corresponder ao fato estabelecido na parte direita.

⁵ Ou seja: a sentença é verdadeira se e somente se corresponde ao que a frase diz.

⁶ Trata-se da *Disquotational Theory of Truth*, defendida por W. O. Quine, entre outros. Sua ascendente direta é a teoria da redundância, de F.P. Ramsey, para quem o termo “verdadeiro” é redundante, pois dizer que é verdade que *p* equivale a dizer que *p* (a propósito, ver Haack, p. 129 e 177 e segs; e Kirkham, p. 436 e segs).

Ocorre que muitos autores – entre eles Strawson e Davidson – rejeitam a própria noção de fato como entidade não-lingüística, isto é, existente no mundo. Fatos, dizem eles, não são mais que sentenças verdadeiras. Não haveria, de um lado, a frase verdadeira, e, de outro, o fato. Em outras palavras, os fatos não seriam coisas no mundo, independentes da linguagem, uma vez que para especificar um fato somos obrigados a enunciar uma afirmação verdadeira.

Kirkham (2003, p. 199), no entanto, diz que há boas razões para resistir a essa linha de pensamento, já que “fatos podem entrar em relações causais de uma forma que sentenças verdadeiras não podem”. Os fatos são extralingüísticos, e não é necessário recorrer a uma noção fortemente metafísica para afirmar isto, como demonstrou Searle (1996, p. 30): qualquer coisa que torne verdadeira uma proposição ou afirmação (ou o que seja) é um fato. Não se pense, portanto, que fatos são somente os fatos “duros” ou fatos naturais, inalteráveis, ou, pelo menos, não alteráveis à vontade. Mas, duros ou “moles”, os fatos são totalmente independentes da linguagem. Não há dúvida de que criamos “palavras para afirmar fatos e para dar nome a coisas, mas isso não significa que inventamos os fatos ou as coisas”.

Por isso mesmo há compatibilidade entre o critério de verdade como correspondência e o critério descitacional. Se, com efeito, “fato” significa apenas aquilo em virtude do qual uma afirmação é verdadeira, então a “a descitação dá a *forma* daquilo que torna uma asserção verdadeira simplesmente repetindo a asserção”. Ainda segundo Searle (1996, p. 236):

Mas se a asserção é verdadeira, então repeti-la é exatamente a mesma coisa que afirmar o fato. O critério de descitação nos diz que a asserção “O gato está sobre o tapete” é verdadeira se e somente se corresponde a um fato. Mas qual é o fato? O único fato a que pode corresponder, se é verdadeira, é o fato de que o gato está sobre o tapete.

Ressalte-se que é desnecessário estabelecer qualquer isomorfismo estrutural entre as afirmações e os fatos, como se as afirmações fossem um pedaço de cédula de dinheiro rasgada que se ajusta perfeitamente ao outro pedaço, isto é, aos fatos. Como vimos,

“corresponde aos fatos” é apenas uma abreviação para a variedade de maneiras com que as asserções podem representar o modo como as coisas são. Uma afirmação pode até mesmo ser *aproximativamente* verdadeira, caso em que a afirmação só *aproximativamente* corresponde aos fatos. Por exemplo, a afirmação de que a Terra dista 93 milhões de quilômetros do Sol é só *aproximativamente* verdadeira.

Verdade-correspondência no Jornalismo

A questão da verdade no Jornalismo não tem sido encarada em termos epistemológicos. Como vimos, é reduzida a compromisso ético do jornalista, e como tal é tratada no código de ética profissional dos jornalistas. Pesquisa realizada por jornalistas (Kovach; Rosenstiel, 2003) americanos com mais de 300 profissionais chegou à seguinte conclusão: a primeira obrigação do Jornalismo é com a verdade. Mas o que é verdade para o jornalista? Os próprios autores do estudo, reconhecendo que a verdade é também o primeiro e mais confuso princípio, esboçam uma resposta que, pelo menos, remete ao campo epistemológico. Segundo eles, há dois testes da verdade – a correspondência e a coerência –, sendo a coerência “o teste derradeiro da verdade jornalística.

Ora, a verdade como coerência se aplica bem à literatura ou à lógica, mas não ao Jornalismo, já que este pressupõe a relação linguagem-mundo, como já foi dito. Alguns enunciados ou proposições podem, de fato, ser logicamente coerentes sem apresentar qualquer correspondência com o mundo. Pode-se, igualmente, elaborar um discurso literário que nada tenha a ver com a realidade objetiva. Mas o Jornalismo deve, necessariamente, reportar fatos – e isto implica a TC como teoria da verdade mais adequada.

Ocorre que o Jornalismo enfrenta uma dificuldade que os cientistas, em geral, não enfrentam: a excessiva dependência das fontes. O fato, nesse caso, comporta versões que nem sempre correspondem à verdade. É um fato, por exemplo, que “dirigentes do PT disseram que não houve mensalão”, mas essa afirmação não corresponde à verdade, conforme evidências e provas apresentadas na investigação promovida pela Câmara dos Deputados.

O Jornalismo está exposto diariamente a afirmações cuja veracidade em geral sequer pode investigar, notadamente na cobertura política. Em decorrência, facilmente se pode confundir afirmações (das fontes) com fatos. Confusão típica, aliás, de certas perspectivas relativistas em relação ao conhecimento. Cite-se como exemplo o filósofo da ciência Gérard Fourez⁷ (citado por SOKAL; BRICMONT, 1999, p. 105) que assim define *fato*:

O que geralmente se chama fato é uma interpretação de uma situação que ninguém, pelo menos no momento, quer trazer à discussão. (...) Exemplo: as afirmações “o computador está sobre a mesa” e “se a água é fervida, evapora” são consideradas factuais no sentido de que ninguém deseja contestá-las por ora. Trata-se de proposições de interpretações teóricas que ninguém questiona. Afirmar que uma proposição expressa um fato (quer dizer, tem o *status* de proposição empírica ou factual) é sustentar que dificilmente existe qualquer controvérsia acerca desta interpretação no momento em que se está falando. *Mas um fato pode ser questionado. Exemplo: durante séculos foi considerado fato que o Sol girava em torno da Terra cada dia. O surgimento de outra teoria, como a da rotação diária da Terra, acarretou a substituição do fato acima citado por outro: “a Terra gira em torno de seu eixo cada dia.”* (destaque meu).

Eis a demonstração de que Fourez confunde precisamente afirmações e fatos. Jamais foi fato que o Sol girasse em torno da Terra. O que se tinha antes era uma concepção errônea, que foi substituída por outra, correta, verdadeira. Afirmações podem ser falsas, mas não os fatos. Assim, se levássemos ao pé da letra a afirmação do filósofo belga de que um fato foi substituído por outro, seríamos obrigados a dizer que a Terra passou a girar em torno do Sol só depois de Copérnico!

É bem verdade que o Jornalismo, muitas vezes, lida com fatos que são apenas “textuais”. Boa parte dos fatos jornalísticos emerge “menos dos acontecimentos que dos discursos”, e, com frequência, “começam por ser fatos de linguagem.” Como lembra Cornu (1994, p. 352), não há garantia alguma “de que a multiplicação dos

⁷ G. Fourez, *A construção das ciências*, São Paulo, Unesp, 1995.

discursos e a sua confrontação, à maneira da experimentação científica, permitam aceder à mínima certeza”⁸.

Com efeito, não há garantia de que as afirmações (ou “discursos”) sejam verdadeiras *a priori*, mas isto não impede que o jornalista alcance a verdade, por mais aproximativa que seja. E, por mais problemático que seja estabelecer “qual a melhor apreensão e interpretação de um fato, deve ser de algum modo possível estabelecer que algumas dentre as apreensões e interpretações concorrentes são decididamente falsas” (GOMES, 1997, p. 64). Um mesmo fato pode ser relatado (afirmado) de diferentes maneiras, algumas até incorretas ou falsas. As afirmações ou relatos verdadeiros corresponderão a um fato, porém não a um fato diferente, já que “a aplicação das afirmações verdadeiras aos fatos não é biunívoca” (Nozick, 2003, p. 316). Portanto, nem todos os “discursos” estão em pé de igualdade.

O jornalista, assim como o leitor, freqüentemente só tem condição de saber se o que disse um entrevistado corresponde aos fatos muito tempo depois da entrevista, principalmente quando se trata de denúncias, que demandam investigações ulteriores. Obviamente, as denúncias serão verdadeiras se corresponderem aos fatos; falsas, se não corresponderem (nada a ver com os inexistentes “fatos falsos”). Recordemos que qualquer coisa que torne uma afirmação verdadeira é um fato, e que o fato é sempre extralingüístico, isto é, está fora da linguagem. Assim, o fato de que não existem cavalos com três cabeças é um fato do mesmo modo que o fato de que o gato está sobre o tapete.

Um bom exemplo da aplicabilidade da teoria da correspondência ao Jornalismo (sem isomorfismo estrutural) são as denúncias formuladas pelo ex-deputado Roberto Jefferson em entrevista ao

⁸ Vale observar, no entanto, que o jornalismo está longe de buscar a “certeza” pretendida pelas ciências. Tampouco o texto jornalístico pode ser reduzido a discurso, como se tudo se resumisse a uma questão de hermenêutica.

⁹ Ora, se fato é justamente o que torna uma proposição ou afirmação verdadeira, não há fatos falsos, como supõe Lorenzo Gomis em seu artigo “Os interessados produzem e fornecem os fatos”, in *Revista Estudos em jornalismo e mídia*, Florianópolis, Insular, vol 1, n° 1, I semestre/2004, pp. 102-117. Podem existir, sim, versões falsas ou incorretas de um fato, como já foi dito.

jornal *Folha de S. Paulo* em 6 de junho de 2005. Passo a passo, as afirmações do então deputado foram confirmadas factualmente, desde a existência do “mensalão” – dinheiro pago aos deputados para que votassem a favor do governo –, até as ramificações com setores bancários, que culminaram no que ficou conhecido como “valerioduto”¹⁰, fatos que ocasionaram o afastamento de ministros de Estado e a cassação de vários deputados. As denúncias geraram ainda uma ação, por formação de “quadrilha”, promovida pela Procuradoria Geral da República junto ao Supremo Tribunal Federal, envolvendo ex-ministros, dirigentes de partido e outras figuras importantes do governo Luiz Inácio Lula da Silva.

Como conclusão, pode-se afirmar que a teoria da verdade como correspondência (ou adequação, ou acordo), como temos insistido aqui, é a teoria que melhor se aplica ao Jornalismo, que, pelo menos nesse sentido, está num campo epistemológico próximo ao das ciências, justamente por relacionar, tanto quanto estas, linguagem e realidade. A única diferença é que o Jornalismo trata mais da realidade social que da realidade natural. Mas isto é tema para outro escrito, que demanda um estudo sobre o conceito de *objetividade*.

Referências

CORNU, D. **Jornalismo e verdade**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994

DA COSTA, N. C. A. **O conhecimento científico**. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

D'AGOSTINI, F. **Disavventure della verità**. Torino: Einaudi, 2000.

GOMES, W. “Verdade e perspectiva (A questão da verdade e o fato jornalístico)”, **Textos**, n. 29, Salvador, UFBA, 1997, p. 63-83.

¹⁰ Conferir, a propósito, os “100 fatos” relacionados pela revista *Veja*, edição online, 06 de agosto de 2005 (http://veja.abril.com.br/100805/p_078.html, acessado em 20 de maio de 2006), bem como os arquivos da *Folha de S. Paulo*, particularmente após a entrevista de Roberto Jefferson, realizada pela jornalista Renata Lo Prete.

HAACK, S. **Filosofia das lógicas**. São Paulo: Unesp, 2002.

_____. Pragmatismo, in: BUNNIN, N.; TSUI-JAMES, E. P. (Orgs.). **Compêndio de filosofia**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 641-647.

HORVICH, P. Theories of truth, in: DANCY, J.; SOSA, E. (Orgs.). **A Companion to Epistemology**, Basil Blackwell, 1996, p. 509-515.

KIRKHAM, R. L. **Teorias da verdade: uma introdução crítica**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

KOVACH, B. e ROSENSTIEL, T. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

LEHRER, K. **Theory of knowledge**. Londres: Routledge, 1995.

NOZICK, R. **Invariance: la struttura del mondo oggettivo**. Tradução de Gianfranco Pellegrino. Roma: Fauzi, 2003.

SEARLE, J. R. **La costruzione della realtà sociale**. Milano: Edizioni di Comunità, 1996.

_____. **Mente, linguagem e sociedade: Filosofia no mundo real**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SOKAL, A; BRICMONT, J. **Imposturas intelectuais: o abuso da ciência pelos filósofos pós-modernos**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

TAMBOSI, O. Informação e conhecimento no jornalismo, **Estudos em jornalismo e mídia**. Florianópolis: Insular, v. 2, n. 2, 2. sem. 2005.

VASSALLO, N. **Teoria della conoscenza**. Roma/Bari: Laterza, 2003.